

# A

## Apresentação

**Minhas reflexões** acerca dos temas da moral se iniciaram na segunda metade dos anos 1970. Decorreram de certas características que detectei ao me voltar para a análise da forma como os casais se unem. A regularidade com que pessoas com propriedades psicológicas antagônicas se encantavam umas com as outras me impressionou justamente porque estava completamente fora das expectativas probabilísticas. Quase todas as pessoas mais quietas e pouco agressivas casavam-se com criaturas de “gênio forte” e bastante extrovertidas. Casavam-se e ainda se casam.

Em 1977 publiquei o livro *Você é feliz?*, no qual descrevi em detalhe a forma de ser das pessoas mais egoístas. Naquela época se iniciavam as especulações a respeito da “Era do Narcisismo”, em que parecia legal a pessoa se livrar de qualquer tipo de limite interno e tratar de viver de acordo com seus desejos. Nunca foi esse o meu ponto de vista, já que via o egoísmo como falha moral. Pensava na generosidade como virtude e no egoísmo como vício. Assim pensavam todas as pessoas “de bem”.

Em 1981 publiquei *Em busca da felicidade*, livro no qual já apontava, de forma bastante enfática, minhas primeiras dúvidas acerca da “pureza” da conduta generosa. Registrava a presença de forte ingrediente relacionado

# O Mal, o Bem e Mais Além

Flávio Gikovate

com a vaidade e também alguns aspectos ligados ao jogo de poder que envolvia generosos e egoístas, sempre muito intensamente atraídos uns pelos outros.

Trabalhei com milhares de pacientes e pensei muito a respeito desse tema que, ao longo dessas décadas, sempre se confirmou como importante ingrediente relacionado com as escolhas amorosas e também como elemento básico das dificuldades que surgiam ao longo do convívio íntimo. Estudei de que forma a sexualidade se manifesta nesses dois tipos de seres humanos, de modo que a questão moral sempre esteve presente em meus livros.

Fui, muitas vezes, tratado como maniqueísta, como pessoa que só via o preto e o branco, incapaz de compreender que somos criaturas complexas. Creio que a razão para as críticas resida, mais que tudo, nas limitações que tive ao me comunicar. Nem sempre conseguimos expressar por escrito aquilo que está em nossa mente. Acredito que venho fazendo importantes avanços nesse terreno, tanto ao escrever como ao falar para platéias as mais variadas.

Acredito também que a disposição das pessoas para prestar atenção em minhas hipóteses e ponderações a respeito da questão moral também se modificou. Estou me expressando melhor, mas as pessoas também estão lendo de forma mais desarmada! Quando comecei a escrever sobre esses assuntos vivíamos sob a ditadura militar. Havia os que a ela se opunham — os do bem — e os que eram aliados dela — os do mal. Era impossível tentar convencer alguém de que os “do bem” não eram tão bons. Havia o muro de Berlim: os do lado de cá do muro achavam que o mal

# O Mal, o Bem e Mais Além

Flávio Gikovate

morava do lado de lá. Os do lado de lá achavam exatamente o contrário. Além da tradição cultural na qual todos crescemos, que sempre valorizou como digno o modo de ser generoso, vivíamos num mundo dividido, em que nos parecia indispensável tomar um partido definido.

Hoje tudo isso está diferente, e apenas algumas pessoas ainda acreditam que exista “um eixo do bem e outro do mal”. Talvez seja a hora de iniciar, de forma despojada — livre dos preconceitos que constituem nossas crenças e também mais atento aos fatos do que a ideologias —, uma nova incursão no universo dos valores que vão nos guiar daqui para a frente. Temos vivido num vácuo, sem referências e sem termos onde nos ancorar nas horas de maior aflição. Talvez em virtude disso, vivemos em crescente estado depressivo.

Não tenho a pretensão e nem a competência para esgotar um assunto assim complexo e que talvez tenha mesmo de se revisto de tempos em tempos. O livro que vocês vão ler é a síntese de tudo que fui capaz de compreender a respeito da questão moral observada pela ótica que minha profissão me permitiu. Se ele servir de estímulo e impulso para que voltemos, todos nós, a nos preocupar com a constituição de um conjunto de valores capazes de nos nortear no planeta que temos modificado de forma tão radical, terá cumprido plenamente minhas expectativas.

**Flávio Gikovate**

abril de 2005



# 1 um

**Li recentemente** uma resenha a respeito do lançamento de um livro nos Estados Unidos cujo título em português seria *O mal: uma investigação*\*. O autor da resenha o avaliou negativamente, entre outras razões, por não ter contribuído de forma significativa para a solução do problema proposto, ou seja, não foi capaz de construir nenhuma hipótese considerável sobre a origem do mal. O crítico, por sua vez, também não se via habilitado a responder a essa questão complexa e tormentosa, apesar de ser pessoa bastante qualificada. Sendo assim, decidi concentrar em um novo texto as diversas reflexões que venho fazendo sobre o tema desde 1977.

Por meio da leitura desse interessante texto crítico — e de alguns outros —, aprendi que o bem e o mal não são entidades efetivas. São construções, quase mitos, que foram elaboradas ao longo dos milênios e, de certa forma, transformadas em uma dualidade tida como inevitável. Deus e o Demônio lutam e lutarão para sempre! Assim, o bem depende do mal para se definir e ter existência, da mesma forma que o mal é definido por comparação com o

\* Lance Morrow, *Evil: an investigation*, Nova York: Basic Books, 2003. Resenha de Philip Cole em *Radical Philosophy*, n. 126, julho de 2004.

# O Mal, o Bem e Mais Além

Flávio Gikovate

bem. A grande maioria das pessoas acredita que essa dualidade nos caracteriza de forma absoluta, que somos essencialmente constituídos por duas facções antagônicas não só no campo moral, mas em tudo: o Yin e o Yang.

Minha preocupação com essa questão essencial tem crescido com o passar do tempo. Ela surgiu de forma espontânea e inesperada pela análise de como se estabelecem as relações entre as pessoas, especialmente aquelas que se constroem entre um homem e uma mulher e que determinam as alianças conjugais. **O que me surpreendeu desde o início foi o fato de que a esmagadora maioria das escolhas “voluntárias” — aquelas que se fazem de modo espontâneo e que são atribuídas ao encantamento amoroso — segue uma norma única: se dá entre pessoas bastante diferentes, opostas em certos aspectos essenciais da personalidade.** Outra constatação que me impressionou foi a percepção de que essa era a voz corrente. Ou seja, a união entre opostos era estimulada — como registravam ditados populares que diziam que “dois bicudos não se beijam”, e também que “os opostos se atraem”. As reflexões de Freud na sua *Introdução ao narcisismo* (1914) também seguiam caminho igual, sugerindo que o mais sofisticado, do ponto de vista psíquico, seria buscar no outro um complemento para aquilo que estaria nos faltando, em vez de procurar uma afinidade que se estabeleceria por “identificação narcísica”. Isto é, uma pessoa tímida, discreta, pouco agressiva e não muito competente para reivindicar deveria se unir a alguém extrovertido, ousado, agressivo e exigente.

# O Mal, o Bem e Mais Além

Flávio Gikovate

A união entre opostos era definida e se alicerçava na existência de dois tipos humanos antagônicos. Além disso, o surgimento de um encanto amoroso entre eles implicava o reconhecimento de dois modos válidos de ser. Implicava e implica, pois até hoje as escolhas sentimentais se fazem dessa forma, definindo uma postura social que aceita a existência de dois modos dignos e adequados de sermos humanos, apesar dos antagonismos. Podemos ser extrovertidos ou introvertidos. Podemos ter controle sobre a agressividade ou ser portadores de “pavio curto”. Podemos ser estáveis no que diz respeito aos pontos de vista e ao humor ou instáveis e imprevisíveis. E assim por diante.



# 2

dois

**Uma das propriedades características da nossa forma de pensar consiste no seguinte: se existe uma diferença, ela deve implicar uma hierarquia.** Se há duas formas diferentes de ser, uma delas terá de ser superior à outra. Se homens e mulheres são diferentes, um é o superior e o outro, o inferior. E o critério usado para definir isso depende do observador e de seu poder. É claro que determinadas observações podem ser aceitas pela maioria e se transformar em valores sociais que se consolidam e permanecem sem grande reflexão ao longo de gerações. Isso não garante a veracidade da hierarquia estabelecida, que talvez nem exista. Foi o que aconteceu com o estabelecimento da milenar “superioridade” masculina, recentemente contestada com toda razão.

Nesse ponto me vi diante da primeira confusão e também de um primeiro foco de controvérsias. Se tomarmos como verdadeira a hipótese que venho defendendo há décadas de que o amor deriva da admiração, o encantamento entre opostos implica a valorização do tipo humano oposto a si mesmo. Ou seja, o impulsivo acha admirável o controlado — portanto, superior a ele —, enquanto o controlado valoriza mais o impulsivo. Então, de que maneira podemos definir um modo de ser como superior?